A DIPLOMÁTICA ARQUIVÍSTICA CONTEMPORÂNEA: o papel teórico de Luciana Duranti

Natália Bolfarini Tognoli[1]

RESUMO

A Diplomática, no decorrer de quatros séculos, passou por várias transformações, tanto na delimitação de seu objeto de estudo, quanto na especificação de seu método. Dessa maneira, buscou-se aqui, caracterizar a contribuição teórica dada pela italiana Luciana Duranti, arquivista e professora da Universidade da Columbia Britânica, em Vancouver, no Canadá, onde desenvolveu, a partir dos anos 80, um estudo profundo sobre a Diplomática e sua interação com os princípios e conceitos arquivísticos, dando origem, assim, à chamada "Diplomática contemporânea", notadamente a partir de 1989, quando publicou, na revista *Archivaria*, a legendária série de artigos "*Diplomatics: new uses for an old science*". Para tanto estudou-se a bibliografia da autora e a história da Diplomática, trabalhando com o conceito e o objeto diplomático antes e depois da década de 80, afim de chegar ao momento exato da transição que levou a pesquisadora a constituir-se em marco teórico da área, inclusive com a enunciação do método diplomático. Os resultados revelaram que é a partir de seu conceito sobre o objeto da Diplomática e o objetivo da crítica diplomática que a autora constitui-se em marco teórico, a partir da década de 80.

PALAVRAS-CHAVE: Luciana Duranti. Diplomática; Arquivologia; Documento Diplomático; Tipologia Documental

1 INTRODUÇÃO

A Diplomática tem origem científica datada no século XVII, mas é no XIX, com a introdução dos estudos diplomáticos em Escolas Européias, que ela se desenvolve enquanto método e técnica científica, porém, ainda muito ligada a outras disciplinas, como a História e o Direito.

Uma análise da história e evolução da Diplomática evidencia que a mesma, a partir dos anos 70 e 80, assume uma nova dimensão, desvinculando-se do "binômio necessário" que até então desempenhava com a Paleografia.

---

[1] Bacharel em Arquivologia pela UNESP de Marília. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da FFC- UNESP de Marília e bolsista FAPESP com a pesquisa "A Diplomática como base epistemológica para a construção da Arquivística Contemporânea: o papel de Luciana Duranti". O presente artigo é resultado da pesquisa de Iniciação Científica, intitulada "O papel teórico de Luciana Duranti na Diplomática Contemporânea", financiada pela FAPESP. E-mail: nataliabtognoli@yahoo.com.br

Observa-se, assim, que a Diplomática, que antes se ocupava exclusivamente da espécie documental, e não raras vezes foi considerada "ciência auxiliar da história", é ampliada, segundo Bellotto (2004, p. 52), na direção da gênese documental e de sua contextualização nas atribuições, competências, funções e atividades da entidade geradora/acumuladora. Nesse contexto, destaca-se a apropriação da mesma pela Arquivologia, para ser aplicada aos conjuntos orgânicos de documentos, recebendo a denominação "Tipologia Documental".

Especificamente no tocante a essa moderna Diplomática, ou Tipologia Documental, a literatura refere-se, na maioria, ao nome de Luciana Duranti, considerando-a implicitamente como um marco teórico na área.

Considerando o contexto anteriormente apresentado, este artigo se propõe a realizar uma revisão de literatura sobre a história da Diplomática e sobre a contribuição de Duranti para sua construção, a fim de identificar, nessas obras, o momento da transição da Diplomática tradicional, com vistas basicamente para a espécie documental, para a Diplomática Contemporânea, que subsidia a Arquivística nas tarefas básicas, dando ênfase aos estudos da italiana Luciana Duranti para que, a partir deles, se possa chegar à identificação – ou não – de um "*turning point*[2]" teórico/metodológico na área a partir da contribuição da autora.

Objetivou-se, portanto, com esse artigo, caracterizar a contribuição de Luciana Duranti enquanto marco teórico para a construção da Diplomática contemporânea, identificando as influências teóricas sofridas pela autora na construção da concepção diplomática e como ela construiu teoricamente o conceito e o objeto de estudo da Diplomática, de forma a contribuir para as discussões teóricas sobre o conceito, o objeto e o método da Diplomática.

2 O DESENVOLVIMENTO DA DIPLOMÁTICA ARQUIVÍSTICA

Na Antiguidade, a falsificação era muito comum, uma vez que a autenticidade ou não dos documentos era um atributo dado a eles de acordo com a instituição em que

[2] Nesse contexto, entendemos como *turning point* um momento de mudança na teoria diplomática e na aplicação do método, a partir dos estudos de Duranti.

eram guardados. A autenticidade não era uma característica intrínseca ao documento, e sim atribuída a ele. Os arquivos públicos tinham a capacidade de autenticar os documentos neles depositados, atribuindo-lhes o valor de fé pública.

Segundo MacNeil (2000, p. 03) "quando pessoas físicas começam a depositar documentos falsos em arquivos públicos, para conferir-lhes fé pública, torna-se necessário a introdução de sanções para assegurar a autenticidade dos documentos".

A partir daí, na Idade Média e na Renascença, começam a surgir regras para garantir a autenticidade dos documentos, como é o caso da crítica filológica aplicada aos documentos políticos e religiosos de séculos anteriores pelos humanistas italianos Francesco Petrarca e Lorenzo Valla nos séculos XVI e XVII.

No final do século XVI e início do XVII, a Igreja Católica prefere dedicar-se a uma teologia mais positivista do que especulativa, por isso, em 1643, os Bolandistas publicam os primeiros volumes das *Acta Sanctorum*, na qual avaliavam os testemunhos relacionados à vida de cada santo, com o objetivo de separar o que era fato e o que era lenda.

Em 1675, o jesuíta Daniel Van Papenbroeck escreve a introdução do segundo volume da *Acta*, e nela anuncia princípios para estabelecer a autenticidade de documentos antigos, aplicando-os aos documentos preservados no mosteiro de Sant-Denis. Ao fazê-lo, declara (erroneamente) que alguns documentos eram falsos, caindo em descrédito, assim, todos os documentos preservados no mosteiro. Esse episódio ficou conhecido como as "guerras diplomáticas" (*bella diplomática*) que originaram um grande número de disciplinas técnicas modernas, com objetivo de determinar a confiabilidade dos documentos, quais eram: a Paleografia, a Diplomática e a Sigilografia.

Dom Jean Mabillon, monge beneditino da congregação de Saint Maur, que habitava o mosteiro de Saint Denis, responde às acusações de Papenbroeck publicando, seis anos depois, em 1681, um tratado de seis partes, intitulado *De re diplomática libri VI,* no qual estabelecia critérios para a crítica textual. Nesse tratado, Mabillon "investiga os critérios internos e externos dos documentos (...) estabelecendo princípios que puderam dar um juízo científico sobre a autenticidade dos documentos" (RABIKAUSKAS, 2000).

Nasce, assim, a Diplomática, conceituada por Mabillon como "o estabelecimento de regras e termos certos e precisos pelos quais os instrumentos

autênticos podem ser distinguidos dos falsos, e instrumentos certos e originais dos incertos e suspeitos" (MABILLON, apud MACNEIL, 2000, p.20).

A partir de Mabillon, o documento manifesta-se nas formas física e intelectual, as partes podem ser separadas e examinadas isoladamente. Esse método, como ressalta MacNeil (2000, p. 22) "transformou fatos escritos em fontes históricas, e norteou a crença de que o conhecimento sobre o passado, que não era de direto acesso, podia, apesar de tudo, ser atingido ao serem examinadas as partes do documento". Para Bloch (apud FONSECA, 2005, p. 31) "naquele ano de 1681, ano da publicação do *De re diplomática*, na verdade uma grande data na história do espírito humano, a crítica aos documentos de arquivo foi definitivamente fundada".

Os métodos preconizados por Mabillon, para assegurar a autenticidade dos documentos, estendem-se por toda a Europa, e vários tratados e manuais começam a ser publicados, a partir da introdução do ensino da Diplomática nas faculdades de Direito.

A partir daí, os princípios diplomáticos são adotados pelos historiadores como instrumento de análise para documentos medievais enquanto fontes históricas e "ao final do século XIX, sob influência da Filologia e da Escola Científica de Historiografia, a Diplomática emergiu como ciência auxiliar da história e como disciplina autônoma" (MACNEIL, 2000, p. 29).

No século XIX a criação da *École de Chartes*, em Paris (1821) e a introdução dos estudos diplomáticos no *Institut für Osterreichsgeschichte,* em Viena, contribuíram para o progresso na formulação e definição dos princípios diplomáticos, ao introduzir no campo de estudo, novas idéias acerca do objeto e da crítica diplomática a partir de nomes como Tessier, Bautier, Sickel, Ficker, Böhmer, Bresslau, Giry e Paoli.

A Diplomática é desenvolvida, primeiramente, em três países: França, Alemanha e Itália. Embora a Diplomática também tenha desenvolvido seu campo de estudo nas escolas de outros países como Portugal e Espanha, o corpo de conhecimento delas foi e, pode-se dizer, é muito influenciado por essas três escolas, pelo menos teoricamente.

A Diplomática, por definição, é a ciência que estuda o documento, ou melhor, estuda a forma do documento. Porém, esse documento é entendido *stricto sensu*, o que significa dizer que a Diplomática não estuda qualquer documento, mas sim o documento escrito (registrado).

O objeto da Diplomática, antes de ser bem definido, passou por várias transformações, e é nos séculos XIX e XX que ele vai ser mais discutido entre os pesquisadores, desligando-se exclusivamente dos documentos medievais e encontrando um caminho promissor no campo dos documentos contemporâneos.

No século XIX, o *Institut für Osterreichsgeschichte,* por meio de representantes como Bresslau e Brunner, entre outros, considera que "o objeto da Diplomática são os testemunhos escritos, redigidos segundo formas determinadas, variáveis em função do tempo, do lugar e das pessoas que neles intervém, e cuja finalidade é servir de prova de um fato jurídico" (GALENDE; GARCÍA, 2003, p. 12).

Apesar dos avanços na metodologia, até o final do século XIX e grande parte do XX, a Diplomática não tinha uma unidade de critérios acerca do objeto de estudo; existiam diferentes opiniões sobre quais documentos deveriam ser incorporados aos estudos diplomáticos. Heinrich Brunner alia, então, ao campo diplomático, a documentação privada, e Cesare Paoli inclui na categoria de documento "todas aquelas escrituras que têm, em um tempo, caráter histórico e jurídico, e estão revestidas de formalidades externas especiais" (PAOLI, 1942 apud GALENDE ; GARCIA, 2003, p.12).

Na década de 30, Dumas limita o objeto da Diplomática ao estudo dos documentos jurídicos, e amplia o campo ao incluir na área os documentos que, sem serem de natureza jurídica, são capazes de produzir tal efeito.

Na década de 50, Sebanek promulga uma Diplomática Marxista, ou seja, "os método utilizados pela Diplomática tradicional e histórica deviam avançar e descobrir na história, a função social que tinha o documento na configuração de um tecido social determinado em um momento dado" (TALLAFIGO, 1994, p. 19). Segundo ele, a análise diplomática do documento devia levar em conta o momento social no qual o documento foi produzido, assim como quem o produziu e que posição social essa pessoa ocupa na sociedade.

Devido a essa falta de unidade de critérios acerca do objeto da Diplomática, o período compreendido entre final do século XIX e até meados do XX ficou conhecido como "crise da Diplomática", pois o objeto de investigação ainda era claramente considerado o nó do problema. Era necessário ampliar o objeto de estudo, superar a crise, superar a "velha Diplomática".

Nos anos 60 e 70, na França, surge uma nova corrente diplomatista, superando a "crise", "que propunha a ampliação do conceito de documento e a ruptura das tradicionais fronteiras cronológicas" (GALENDE; GARCÍA, 2003, p.13). O estudo dos documentos não estava mais limitado ao campo do medieval, assim era possível examinar os documentos de qualquer época, proveniência e conteúdo.

Segundo Pratesi (1973, p.5), "os pressupostos para uma Diplomática nova, mais ampla, partiram de Bautier" (em 1962), ao reformular o conceito de documento diplomático que até então tinha o sentido estrito da palavra alemã *Urkunde* – testemunho escrito, redigido segundo determinadas formas, relacionado com as ações ou fatos de natureza jurídica.

Em 1960, Robert-Henri Bautier, professor da *École des Chartes*, identifica o objeto da Diplomática com os *actes instrumentaries*, compreendendo na noção de documento os *actes administratifs.* "Bautier estabelece uma identidade entre documento diplomático e documento *d'archivio*, definindo como novo objeto da crítica Diplomática todas as peças de arquivo" (GHIGNOLI, 1991, p.06). Além disso, Bautier inova a Diplomática ao promover o estudo de documentos de épocas diferentes, não só do período medieval.

Contemporâneo a Bautier, Tessier propunha o objeto da Diplomática como "a descrição e explicação das formas do documento escrito" (TESSIER, 1952, p.13), que visava não só apenas analisar as formas dos documentos, mas também a buscar uma explicação racional das circunstâncias que influenciam os modificadores.

Ao falar do estudo dos documentos administrativos modernos, Bautier coloca a Diplomática em contato com uma outra disciplina: a Arquivística, admitindo *"le fait que dans tous les cas il s'agit de documents d'archives"* - o fato que em ambos os casos [na Arquivística e na Diplomática] tratam-se de documentos de arquivo. (GALENDE; GARCIA, 2003, p.15)

Porém, apesar dos avanços obtidos nas décadas de 60 e 70, com o estabelecimento de uma identidade entre os documentos de arquivo e a Diplomática, é só a partir dos anos 80 que essa relação começa a ser absorvida pelos arquivistas, devido à necessidade de compreender o processo de criação de documentos no século XX, que aumentou consideravelmente a partir do final da 2ª Guerra Mundial, e que atribui maior importância aos procedimentos administrativos, incluindo o controle de documentos ativos e semi-ativos.

Em 1989, na II Conferencia Européia de Arquivos promovida pelo Conselho Internacional de Arquivos, Francis Blouin fala do crescente interesse dos arquivistas norte-americanos e europeus em retomar e adaptar a Diplomática aos documentos modernos, recomendando o desenvolvimento de uma Diplomática moderna, a partir do estudo da tipologia dos documentos.

Essa nova Diplomática, reinventada pela Arquivologia é então chamada de Tipologia Documental, ou Diplomática Arquivística cuja preocupação, como destaca Bellotto (2004, p. 52) reside menos no estudo da forma e da gênese ou tradição documental, e mais na tipologia do documento.

3 O PAPEL TEÓRICO DE LUCIANA DURANTI

A partir dos anos 80, os arquivistas passam a olhar a Diplomática como uma ferramenta, um método analítico-comparativo para o tratamento da documentação gerada no século XX.

Os precursores dessa nova Diplomática, ampliada na direção da gênese documental encontram-se basicamente na Itália e na América do Norte.

Em 1987, a autora italiana Paola Carucci ao publicar "*Il documento contemporaneo: Diplomática e criteri di edizione*" tornou-se a precursora teórica da Diplomática Contemporânea, ao aplicá-la aos documentos públicos administrativos, focando a análise do processo administrativo – e não documental como os diplomatistas italianos tradicionais estavam acostumados – e redefinindo o conceito de documento diplomático, ao incluir os documentos produzidos por uma organização no curso normal das funções. "Portanto, o livro de Carucci pode ser considerado a primeira tentativa de aplicar a teoria e o método diplomático aos documentos que existem como parte de conjuntos indivisíveis, fundindo assim, Diplomática e Arquivística" (DURANTI, s/d p. 02).

Em 1989, dois anos depois da publicação do livro de Carucci, um nome aponta como precursor da Diplomática contemporânea na América do Norte: Luciana Duranti.

A professora da Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá, influenciada pelos precursores e também professores, Paola Carucci e Alessandro Pratesi, começa a dar contribuições para a comunidade arquivística ao aplicar o método

diplomático aos documentos modernos. Ao fazê-lo, ela percebeu que o mesmo artifício usado para identificar a autenticidade de documentos medievais poderia ser aplicado na criação, manutenção e preservação de documentos contemporâneos, inclusive aos eletrônicos.

Partindo dessa descoberta, Duranti publica, entre 1989 e 1992, uma série de artigos no periódico *Archivaria*, que, em 1995, foi transformada no livro *Diplomatics: new uses for an old science*, com o objetivo de estender a aplicabilidade do método clássico diplomático aos documentos de qualquer tipo, incluindo aos arquivísticos.

Com a publicação desses artigos, Duranti preconiza, no Canadá e em todo mundo, essa relação possível entre as duas ciências, Diplomática e Arquivologia que, embora tenham evoluído separadamente, sempre tiveram um objetivo inicial em comum: a identificação da natureza dos documentos e as características que os fazem confiáveis e autênticos dentro do contexto em que foram criados.

Duranti caracteriza a Diplomática como uma disciplina formativa para os arquivistas. Isso fica claro com a inclusão da Diplomática na grade curricular dos cursos de Arquivologia. É a Diplomática, portanto, que vai oferecer a ferramenta para que o arquivista chegue à compreensão dos conjuntos documentais. Essa ferramenta é o estudo da Tipologia documental.

Desse modo, "a análise do arquivista vai se deslocando desde o contexto documental imediato do material que examina até o amplo contexto funcional, e mais além, ao contexto sócio-cultural, isto é, desde a realidade do documento até a imagem dos criadores de documentos" (DURANTI, 1995, p. 188).

A Diplomática proporciona a relação entre os criadores de documentos e os arquivistas, estabelecendo uma conexão entre o documento de arquivo e o sistema jurídico no qual foi criado. A partir daí, o arquivista pode identificar o estado de transmissão do documento, e estabelecer as relações com os criadores.

A partir da década de 90, os documentos começam a ser gerados por sistemas eletrônicos de informação. Começam a ser produzidos, mantidos e preservados em meio eletrônico. Dia após dia programas são criados, e a obsolência das mídias digitais se torna um problema para todos aqueles que precisam da documentação gerada em meio eletrônico, uma vez que a informação deve estar sempre migrando de mídia para poder ser conservada. Porém, até que ponto essa migração não interfere na autenticidade do

documento? O que os conservadores podem fazer para assegurar a conservação e o acesso ao documento, sem comprometer sua autenticidade?

Partindo dessas questões, Duranti parte para seu grande diferencial na Diplomática Contemporânea: o projeto InterPARES (*International research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems).*

O projeto InterPARES teve início em 1999 com o propósito de desenvolver um conhecimento teórico e metodológico essencial para a preservação permanente de registros digitais autênticos, e para formular políticas, estratégias e padrões modelos capazes de assegurar essa preservação.

O projeto de pesquisa usou conceitos e métodos de várias disciplinas, incluindo Diplomática, Arquivística, Direito, Ciência da Computação, Engenharia da Computação e Estatística, e contou com um grupo de co-pesquisadores dos setores público e privado de diversos países, entre eles o Canadá, Estados Unidos, Irlanda, Hong Kong, China, Suécia, França, Itália, Portugal, Austrália, Reino Unido e Holanda.

Antes de mergulharem de vez no projeto, os pesquisadores precisavam entrar em um acordo sobre qual seria a definição do objeto de estudo. Dessa forma, eles resolveram que a definição de registro seria aquela dada pela Arquivística, e que as características desse registro seriam dadas pela Diplomática.

Tendo especificado as características necessárias de um registro, o grupo de pesquisa decidiu aceitar a suposição fundamental da Diplomática de que independentemente das diferenças na natureza, proveniência ou data, todos os registros possuem uma forma documentária típica, que contem todos os elementos possíveis de um registro.

A Diplomática também foi utilizada como um guia metodológico, para assegurar a autenticidade dos documentos gerados em meio eletrônico.

A primeira fase do projeto InterPARES foi concluída no final de 2001, e produziu exigências e métodos para a criação, manutenção, seleção, e preservação dos registros digitais autênticos, a maioria gerados no curso de atividades administrativas.

Em 2002 uma segunda fase da pesquisa, InterPARES 2, começou. Enquanto a primeira fase estudou a preservação dos registros digitais autênticos gerados no curso de atividades administrativas, a segunda estudou os registros criados no curso de atividades artísticas, científicas e governamentais, em todo o ciclo documental.

Em 2006 a segunda fase foi concluída e em 2007 a terceira fase, InterPARES 3 começou, e deve terminar em 2012. Nessa fase os pesquisadores colocarão a teoria discutida nas duas fases precedentes em prática, trabalhando com arquivos de pequeno e médio porte dentro das organizações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Diplomática, no decorrer de quatro séculos, passou por várias transformações, mas a maior delas é com certeza seu objeto. Quando a Diplomática é promulgada por Mabillon no século XVII, como uma ciência autônoma, seu objetivo era estabelecer regras para garantir a autenticidade de documentos emanados por autoridades soberanas e pela igreja.

Quando ela é introduzida nas escolas européias de historiografia, seu caráter autônomo é substituído pelo de "ciência auxiliar". Seu objetivo era avaliar a autenticidade de documentos medievais.

Nos séculos seguintes, mais precisamente no XX, essa concepção de ciência auxiliar começa a perder força, e uma discussão fértil, acerca de seu objeto de estudo, surge no final da década de 60. Essa discussão levou pesquisadores a repensarem todo o conceito de documento diplomático, mas podemos dizer que Bautier, representante da escola francesa, é o primeiro autor a colocar a Diplomática em contato com a Arquivística. Dessa forma, o objeto da Diplomática passa a ser todas as peças de arquivo.

Apesar do avanço na década de 60, a Diplomática só vai ser repensada teoricamente como ciência autônoma, no final do século XX, na Itália, e sua representante é Paola Carucci.

A autora é a primeira a olhar para a Diplomática como uma ferramenta, um método analítico-comparativo para o tratamento da documentação gerada nos dias atuais.

Carucci aplica a Diplomática aos documentos públicos administrativos, e redefine o conceito de documento diplomático, incluindo aqueles documentos produzidos por uma organização no curso de suas funções. Por essa razão, a autora é a

primeira a fundir Diplomática e Arquivística, e pode ser considerada a precursora da Diplomática Contemporânea na Europa.

A partir de Carucci, a Diplomática Contemporânea passa a influenciar diretamente as práticas arquivísticas.

Luciana Duranti é diretamente influenciada pela nova abordagem de Carucci, e na América do Norte começa a aplicar seus conceitos aos documentos contemporâneos.

Assim, podemos identificar um *turning point* na literatura arquivística após a publicação de *Diplomatics: New uses for an old science* a partir do qual Duranti constitui-se claramente como um marco teórico da área, pois, com a enunciação da Diplomática Contemporânea, os arquivistas começam a ver um outro caminho, uma nova maneira de executar as práticas arquivísticas.

A partir do estudo da tipologia documental, o arquivista é capaz de identificar todo o contexto de criação do documento. Além das fontes usuais como os organogramas e regimentos, ele tem em mãos mais um instrumento. Com isso, quando essas fontes não forem suficientes o bastante para recriar esse contexto – elas nunca são, uma vez que a informação mais completa é aquela que o próprio documento, a peça documental, fornece – o arquivista pode se valer do estudo da tipologia documental para recriar o contexto de produção daquele conjunto documental.

Essa é com certeza a maior contribuição da Diplomática para os estudos arquivísticos, mas não é a única de Duranti para a literatura arquivística.

Quando a autora aplica o método diplomático aos documentos contemporâneos, ela também o faz nos eletrônicos. Duranti é a primeira autora a fazer a ligação Diplomática – Arquivística – documento eletrônico.

Com o Projeto InterPARES, ela prova que um documento, gerado em meio eletrônico, e que contém os mesmos elementos de um documento tradicional, pode ser confiável e autêntico. A Diplomática fornece o instrumento necessário para assegurar essa autenticidade, tanto em documentos gerados no decorrer de atividades administrativas, do dia-a-dia, como em documentos resultantes de atividades artísticas, experimentais e dinâmicas.

Os estudos preconizados por Duranti garantem que qualquer documentação, independente do suporte, ou até mesmo do gênero, gerada no século XXI, seja passível de análise.

O que antes era restrito apenas aos documentos eclesiásticos e históricos, hoje pode ser aplicado a todo tipo de documento. Essa é, sem dúvida, a maior contribuição de Duranti para a literatura da área. É a partir de seu conceito sobre o objeto da Diplomática e o objetivo da crítica diplomática, que Luciana constitui-se em marco teórico da área a partir dos anos 80.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Diplomática e Tipologia Documental. In: **Arquivos Permanentes**: tratamento documental. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 45-63.

CARUCCI, Paola et al. **Documento de archivo de gestión**: diplomatica de ahora mismo. Carmona: S & C, 1994.

_____. **Il documento contemporaneo:** diplomatica e criteri di edizione. Roma: La nuova Italia scientifica, 1987.

COOK, Terry. Archival Science and postmodernism: new formulations for old concepts. **Archival Science**, v.1, p. 3-24, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001.

DELMAS, Bruno. Archival science facing the information society. **Archival Science**, v.1, p. 25-37, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001.

DURANTI, Luciana . **Archival Diplomatics for the digital environment:moving across times and traditions to develop new concepts**.Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nataliabtognoli@yahoo.com.br>, em 29 dez. 2006.

_____. **Archival Science.** Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nataliabtognoli@yahoo.com.br>, em 29 dez. 2006.

_____.**Diplomatics of electronic records.** Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nataliabtognoli@yahoo.com.br> , em 26 nov. 2005.

_____.**Diplomática:** usos nuevos para una antigua ciência. Trad. Manuel Vázquez. 1ª ed. Córdoba : Associación de Archiveros de Andalucia, 1995.

_____.(Coord.). **InterPares project. International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems.** Disponível em http://www.interpares.org.index.html. Acesso em 03 dez. 2005

_____.(Ed.). **La conservación a largo plazo de documentos electrónicos autênticos:** Hallazgos del Proyecto InterPARES. Cartagena: Concejalía de Cultura:3000 Informática, 2005.

_____.**The concept of a record in Experiential, interactive and dynamic environments: Can the InterPARES project address the ultimate archival challenge?** Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nataliabtognoli@yahoo.com.br>, em 26 nov. 2005.

_____; EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather. **The preservation of the Integrity of Electronic Records. School of Library, Archival and Information Studies, University of British Columbia.** Vancouver, B.C. Abril/1994. Disponível em <www.interpares.org/UBCProject/Index.htm> . Acesso em jul. 2005.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GALENDE DIÁZ, Juan Carlos; GARCIA RUIPÉREZ, Mariano. El concepto de documento desde una perspectiva interdisciplinar: de la diplomática a la archivística. **Revista General de Información y Documentación**, v.13, n.2, p.7-35, 2003. Disponível em: <www.ucm.es/BUCM/revistas/byd/11321873/articulos/RGID0303220007.pdf> Acesso em 01 set. 2005.

GARCÍA, Antonio Rodríguez. **Diplomática del documento administrativo actual**: tradición e innovación. Carmona: S&C, 2001.

GHIGNOLI, Antonella. La definizione dei principi e le metodologie diplomatistiche: innovazioni ed eredità. **Annali della Facolta di Lettere e Filosofia dell'Università di Siena**, v.12, 1991. Disponível em< http://dobc.unipv.it/scrineum/biblioteca/ghignoli.html > Acesso em 01 set. 2005.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; NASCIMENTO, Lúcia Maria Babosa do; MORAES, João Batista de. A Diplomática como perspectiva metodológica para o

tratamento de conteúdo de documentos técnicos. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomin (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

_____; TOGNOLI, Natália Bolfarini. Construção e Desenvolvimento da Diplomática Arquivística: elementos para uma reflexão epistemológica. In: Richter, Eneida Izabel Schirmer; ARAÚJO, João Cândido Graça (Org.). **Paleografia e Diplomática**: 30 anos no Curso de Arquivologia – UFSM. Facos, 2007.

MACNEIL, Heather. **Trusting Records:** Legal, Historical and Diplomatic Perspectives. Canadá: Kluwer Academic Publishers, 2000.

MARTELETO, Regina Maria; TOMAÉL, Maria Inês. A Metodologia de Análise de Redes Sociais. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomin (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

MAZZOLENI, Jole. **Paleografia e diplomatica e scienze ausiliare**. Napoli: Libreria Scientifica, 1970.
NICOLAJ, Giovanna. Sentieri di Diplomatica. **Archivio Storico Italiano**, 1986. Disponível em < http://dobc.unipv.it/scrineum/biblioteca/nicolaj.html> Acesso em 01 set. 2005.

PAULIUS RABIKAUSKAS, S. J. **Diplomática general.** Tradutor: P. Manuel Anguiano Villegas. Roma: [s.n.], 2000.

PETRUCCI, Armando. Diplomatica veccia e nuova. **Studi Medievali**, v.4, n.2, 1963. Disponível em < http://dobc.unipv.it/scrineum/biblioteca/petrucci.html> Acesso em 01 set. 2005.

PRATESI, Alessandro. **Diplomatica in crisi?** Miscelanea in memoria di Giorgio Cencetti. Torino, 1973. Disponível em < http://dobc.unipv.it/scrineum/biblioteca/pratesi.html> Acesso em 01 set. 2005.

SILVA, Armando Malheiro da; et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

TAMBLÉ, Donato. Archival theory in Italy today. **Archival Science**, v.1, p. 83-100, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001.

TAMAYO, Alberto. **Archivística, Diplomática y Sigilografia**. Madrid: Cátedra, 1996.

TESSIER, Georges. **La Diplomatique**. Paris: PUF, 1952.

TOGNOLI, Natália Bolfarini. **O papel teórico de Luciana Duranti na Diplomática Contemporânea**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) 2007. 56 f. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007.

_____; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O papel teórico de Luciana Duranti na Diplomática contemporânea: elementos para uma reflexão sobre organização da informação. **VI Congresso de Arquivologia do Mercosul**. Vinã del Mar, 2007.

WILLIAMS, Caroline. Diplomatic attitudes: from Mabillon to Metadata. **Journal of the Society of Archivists**, vol. 26, nº 1, p. 1-24, 2005.